

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

DINÂMICA FAMILIAR E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

ANA KARINE CARDOSO MESQUITA

**FORTALEZA-CEARÁ
2005**

DINÂMICA FAMILIAR E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

ANA KARINE CARDOSO MESQUITA

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

FORTALEZA – 2005

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Ana Karine Cardoso Mesquita

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Gláucia Maria de Menezes Ferreira
Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à mola mestra de minha jornada pela Universidade Federal do Ceará, à professora Gláucia Ferreira que durante este período ajudou-me com palavras de incentivo, também pela colaboração e orientação na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado sensatez, perseverança e confiança em minha capacidade de pensar.
Agradeço também aos meus pais nos quais sempre pude contar.

“Um rio só consegue atingir seus objetivos quando aprende a contornar os obstáculos”.

(Autor desconhecido)

RESUMO

No decorrer do texto discute-se que a família é um grupo social básico criado por vínculos de parentesco ou matrimônio presente em todas as sociedades. Ela proporciona a seus membros proteção, companhia, segurança e socialização. A estrutura e o papel da família variam de acordo com o tipo de sociedade. A família nuclear (dois adultos com filhos) é a forma comum nas sociedades mais avançadas. Já na monoparental os filhos vivem só com o pai ou só com a mãe em situação de celibato, viuvez ou divórcio. É mostrado que a família nuclear era a unidade mais comum na época pré-industrial e ainda é a unidade básica de organização social na maior parte das sociedades industrializadas modernas. Entretanto, a família moderna tem variado no que diz respeito a sua forma mais tradicional, bem como nas suas funções, composição, ciclo de vida e nos papéis da mãe e do pai. Hoje, a família, base da sociedade desde os mais remotos tempos, está totalmente modificada. Ela evoluiu e o antigo modelo foi substituído por um novo modelo mais real, e em conformidade com os anseios sociais. O desenvolvimento do sentimento da família acompanhou o desenvolvimento da vida privada, da intimidade doméstica. A família transformou-se ao mesmo tempo em que modificou as suas relações com a criança. Desde o século XV até o século XVIII esse desenvolvimento se limitou às classes abastadas. A partir do século XVIII ele se estendeu a todas as camadas. A família começou a manter a sociedade à distância e a delimitar um espaço privado. A casa se reorganizou fisicamente para acomodar essa independência e garantir maior intimidade à família, agora reduzida a pais e filhos. Com a modernização da sociedade e o desenvolvimento cultural a importância da família, que inicialmente era política e real, passa a ser cada vez mais psicológica e ideal. Nas sociedades

aristocráticas e hierárquicas as famílias permaneciam séculos na mesma situação e no mesmo lugar. O homem e a mulher tinham sempre seus lugares (espaços) bem determinados. O fato de o modelo familiar sofrer um processo de transformação não significa necessariamente que ele tenha se tornado inoperante ou falido. Discutindo a realidade brasileira é colocado que hoje existe uma “nova família”, que usa como ponto de referência básica — repudiando-a e/ou repetindo-a — a “família tradicional”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. EVOLUÇÃO SOCIAL DA FAMÍLIA.....	13
1.1. Papéis da família.....	17
2. RELACIONAMENTO PAIS E FILHOS.....	20
2.1. Papel Materno.....	23
2.1.1. Diferenciação entre filhos.....	25
2.2. Papel Paterno.....	28
3. DINÂMICA FAMILIAR E PROBLEMAS.....	31
3.1. Como a separação prejudica os filhos.....	34
3.2. Filho Único.....	38
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

Esta monografia tratará do tema da dinâmica familiar e seu impacto na aprendizagem da criança. Pode ser classificada como diagnóstico de como estamos hoje e de como podemos melhorar para que nossos filhos se tornem pessoas éticas, autônomas e competentes recebendo uma educação íntegra.

Mas, para falar em família nos dias atuais, não podemos deixar de relatar a evolução sofrida pela mesma. A família transformou-se e a sociedade sentiu os reflexos desta mudança.

Inicialmente, apresenta a família um caráter nitidamente extenso, submetendo seus membros à autoridade soberana do pai. Em torno dele, girava toda a família. A mulher ocupava uma posição secundária, mas nem por isso desprezível. Os filhos também não tinham voz ativa dentro de casa, principalmente antes de criar-se o hábito de serem mandados para os internatos e, em seguida, para as escolas superiores a fim de se tornarem bacharéis. Durante séculos, a família patriarcal foi a organização familiar básica do povo brasileiro.

Contudo, evoluímos e abandonamos o antigo modelo familiar, legado dos direitos romano, germânico e canônico, criando um novo modelo, mais real, mais em conformidade com os anseios sociais.

É preciso levar em conta a complexidade da vida atual, especialmente nos grandes centros urbanos. Há algumas décadas, a tarefa de criar filhos pelo menos aparentemente era simplificada pela existência de regras e tradições inquestionáveis, mas com o passar do tempo, as maneiras tradicionais de criar filhos foram profundamente questionadas e, atualmente, os pais estão expostos a uma grande filhos foram profundamente questionadas e, atualmente, os pais

estão expostos a uma grande massa de informações que podem orientá-los e definir seus papéis como educadores.

Além disso, a própria estrutura da família tem passado por alterações radicais, principalmente no que se refere à distribuição de tarefas para o homem e para a mulher: o homem envolvido com tarefas domésticas e a mulher em atividades fora do lar. Com isso, modifica-se o papel do pai e da mãe diante da criança. Da mesma forma, a família extensa, tem sido progressivamente substituída pela família nuclear.

Atualmente, não se sabe ao certo, quem ocupa o lugar da autoridade na família. Muito menos, de que forma as leis e as regras da sociedade são apresentadas e sustentadas na mesma.

O que se pode observar hoje, é que os limites e as regras estão cada vez mais difíceis de sustentar, pais e filhos se tratam como iguais, como se fossem colegas de escola. Até parece que as diferenças não existem, as diferenças de idade, de experiência, de capacidade e funções na família. E o mais preocupante é que isto é confundido com flexibilidade e liberdade.

A dificuldade de dizer não e de sustentar regras e lei acaba passando para o filho a idéia de que não é preciso se submeter às autoridades, regras e limites. E isso colabora para o aumento da criminalidade, uso de drogas e comportamentos anti-sociais.

A maneira como os pais encaram a vida, ou seja, a visão de mundo que eles desenvolvem é, pelo menos em parte, transmitida aos filhos através do contato com eles. É claro que a criança forma sua própria visão de mundo através de várias outras experiências que encontra em sua vida, mas a filosofia de vida dos pais também exerce influência em vários níveis do relacionamento deles com os filhos.

Tudo isso mostra como a nossa problemática pessoal pode dificultar o processo de perceber o filho como em sua individualidade, sem que seja nossa cópia, válvula de escape ou promessa de realizar algo que não conseguimos.

O enfoque básico desta monografia refere-se precisamente à análise de várias formas de comunicação que a família, especificamente os pais, utiliza no dia-a-dia com as crianças, examinado a contribuição de cada uma no sentido de dificultar ou, por outro lado, de facilitar o desenvolvimento emocional saudável e a construção de um vínculo de expressão aberta e livre entre eles e a criança.

1. EVOLUÇÃO SOCIAL DA FAMÍLIA

Desde os tempos primitivos o homem precisou de outro ser de sua etnia, para com este experimentar trocas de: informações, relacionamentos afetivos e até mesmo agressivos. Isto levaria o homem a conviver socialmente com os seres de sua mesma espécie e a procriar-se.

À medida que o tempo foi avançando o homem evoluiu dessa necessidade de “estar somente perto do outro” para relaciona-se de forma individual com o ser “igual” a ele, de modo íntimo a completar-se. Assim há surgimento da família, que seria, portanto o conjunto do homem (pai), da mulher (mãe) e de suas crias (filhos).

Obviamente esta união do ser humano não se deu de forma organizada e íntima, a princípio. No início da Idade Média o homem é destacado como ser trabalhador e quase sempre é “visto” só. Já no século XVI, a mulher e a família participam do trabalho e vivem perto do homem. É nesta época que a família multidão é descrita, pois esta morava em casas na qual viviam muitas outras famílias. Desta forma, que intimidade haveria em cada “quadro” familiar? As crianças depois de desmamadas por volta dos sete anos, já eram inseridas na fase adulta. Participavam de responsabilidades e de conversas com todos quanto estavam nesses grupos familiares. A família cumpria uma função de assegurar a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, mas não oferecia afetividade. A criança era uma companheira do adulto.

Este distanciamento afetivo com as crianças era devido ao fato de ocorrer a morte prematura de muitas crianças e as famílias então preferiam não estar ligadas diretamente, afetivamente a elas para não sofrerem com a perda.

Entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII, a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. Essa volta das crianças ao lar foi um grande acontecimento: ela deu à família do século XVII sua principal característica, que a distinguiu das famílias medievais. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida cotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro. Ela não era ainda o pivô de todo o sistema, mas tornara-se uma personagem muito mais consciente. Essa família do século XVII, entretanto, não era a família moderna: distinguia-se desta pela enorme massa de sociabilidade que conservava. Onde ela existia, ou seja, nas grandes casas, ela era um centro de relações sociais, a capital de uma pequena sociedade complexa e hierarquizada, comandada pelo chefe de família.

Os sentimentos se modificaram à medida que os laços afetivos entre pais e filhos se fortaleceram. A partir do fim do século XVII, uma mudança considerável alterou o estado de coisas, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. Como menciona Ariès (1978, p. 11), “a família tornou-se o lugar de afeição necessária entre os conjugues e entre pais e filhos, algo que ela não era antes. Essa afeição se exprimiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir a educação”. A criança trazia consigo a necessidade de intimidade de vida familiar e de vida em família. Assim surge o sentimento de família que tem nascimento e desenvolvimento que antes não existia. Através deste sentimento criou-se um individualismo saudável que caracterizava a família, com intimidade e privacidade. Os pais, agora teriam um maior ligamento com seus filhos desde o nascimento, o que nos leva a crer, que o sentimento familiar está intimamente ligado ao sentimento de infância.

A família agora deixa de ser a instituição para transmissão somente de bens materiais. Esta família moderna se caracteriza por intimidade e por identidade que se constitui por costumes e valores de vida.

Assim o lugar de convivência entre as famílias perdeu esta singularidade de local público e agora passam a ser local de crescimento prazeroso do sentimento real da família.

Essa evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais. O sentimento da casa, não existia para eles, é uma outra face do sentimento da família. A partir do século XVIII, e até nossos dias, o sentimento da família modificou-se muito pouco. Ele permaneceu o mesmo que observamos nas burguesias rurais ou urbanas no século XVIII. Por outro lado, ele se estendeu cada vez mais a outras camadas sociais. Ariès (1978, p. 271), citando Ashton, diz que na Inglaterra do fim do século XVIII, este constatou os progressos da vida familiar: Conforme discute “Os trabalhadores agrícolas tenderam a se instalar numa casa própria, em lugar de morar na casa de seus empregadores, e o declínio da aprendizagem na indústria têxtil permitiu casamentos mais precoces e famílias mais numerosas”. O casamento tardio, a precocidade do trabalho, os problemas habitacionais, a mobilidade do estágio do auxiliar junto ao mestre, a persistência das tradições de aprendizagem – todos esses fatores constituíram obstáculos que a evolução dos costumes pouco a pouco removeria. A vida familiar estendeu-se a quase toda a sociedade, a tal ponto que as pessoas se esqueceram de sua origem aristocrática e burguesa.

A partir da segunda metade do século XIX, a família patriarcal foi sendo solapada em suas bases, enfraquecendo-se até a morte. A urbanização acelerada, os movimentos de emancipação das mulheres e dos jovens, a industrialização e as revoluções tecnológicas, as profundas modificações econômicas e sociais ocorridas na realidade brasileira e as imensas transformações comportamentais havidas puseram fim à instituição familiar nos

moldes patriarcais. A esses fatores, somem-se a separação entre a Igreja e o Estado e a adoção do casamento civil, decorrentes da Proclamação da República.

Com a Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX, o trabalho da mulher em fábricas e, posteriormente, em outras atividades econômicas deflagrou o processo crescente de desagregação familiar, acelerado com o êxodo rural que se lhe seguiu. A Revolução Tecnológica de nosso século, os movimentos de igualização da mulher e, mais recentemente, a denominada Revolução etária, com a liberação dos jovens, acabaram por conferir à idéia de família a sua visão atual, de caráter nuclear, restrita a certo número de pessoas.

Assim, a família de nossos dias é integrada apenas pelas pessoas que, com os pais, formam o grupo submetido à comunhão de vida, de domicílio e de patrimônio (pais e filhos não casados), em especial nos grandes centros urbanos.

A instituição familiar, em nossos dias, apresenta-se organizada, pois, de modo nuclear, restrita a um número reduzido de pessoas, mesmo porque a tendência é a busca progressivamente maior da privacidade. A família extensa foi definitivamente suplantada pela família nuclear, máxime nas grandes cidades do País.

Antes submetida ao poder absoluto do patriarca, a família encontrava-se, na atualidade, profundamente regulada por normas de ordem pública. Os interesses de ordem individual e privada cederam espaço a uma regulamentação marcada pelo interesse público.

1.1. Papéis da família

Antigamente, a família não tinha função afetiva. Isso não quer dizer que o amor estivesse ausente. Para a família ter um certo equilíbrio não era necessário que os sentimentos entre pais e filhos aflorassem e sim cada componente tivesse a consciência dos valores e seus respectivos papéis.

A partir do momento que a família se identificou como ser co-participante da educação de seus filhos, ela recriou a responsabilidade que dantes fora esquecida, e entregou a “outros familiares” e em pequena porcentagem aos pais.

O ensinamento dos valores era compartilhado por todos, como: vizinhos, avós, criados, velhos, mulheres e homens que conviviam de forma direta com essas crianças, em virtude das casas para multidões. E aos pais caberiam o repasse dos bens materiais que, até este momento era papel importante deles, deterem-se somente a esta função.

Este sentimento foi evoluindo, e assim a influência dos pais é particularmente significativa para a formação das crianças, pois os primeiros estímulos e ensinamentos recebidos eram determinados pelos parentes e hoje são determinados pela família nuclear (pai-mãe-filho).

Os papéis primordiais da família são: proteção contra perigos, atendimento às necessidades básicas (vestimenta, alimentação, saúde, educação), ensino da capacidade de relacionamento familiar (desenvolvimento do amor, respeito e solidariedade), socialização (com os demais familiares, amigos e pessoas em geral), ser fonte de estímulos, aspirações e expectativas.

Dos papéis citados acima, dois podem ser destacados como funções básicas da família que são: o ensino e a aprendizagem. O ensino, é uma função exclusiva dos pais nos primeiros anos de vida, às crianças corresponde a função de aprender. Eles orientam a criança desde cedo, quando elas ainda não possuem uma linguagem verbal. É através de gestos e brincadeiras que crianças

e adultos se comunicam. Isso se prolonga até a aquisição mais completa possível da comunicação verbal. Depois dessa fase inicial, a responsabilidade de ensinar não se restringe apenas a família e sim a escola outros ambientes freqüentados pela criança.

A escola é muito importante na formação da personalidade da criança, pois ao mesmo tempo que oferece a possibilidade de conhecimentos, favorece o desenvolvimento da socialização. Por isso, as crianças precisam ser estimuladas pelos pais para desde cedo freqüentar uma escola. Os pais que se preocupam com a educação dos filhos, devem se envolver, participar das funções escolares e conversar com os professores, esse envolvimento desempenha um papel crucial. A criança que recebe apoio e estímulo por parte da família, apresentará melhores resultados na escola.

Outro aspecto importante no sistema familiar que vale a pena ser ressaltado, é a qualidade da comunicação entre pais e filhos. Nessa comunicação, tanto é importante a quantidade e a riqueza da linguagem falada para as crianças como a quantidade de conversa e sugestões por parte da mesma, incorporada pelos pais. Uma comunicação franca é importante para o funcionamento da família como unidade. Além disso, contribui para que os filhos cresçam mais maduros em termos emocionais e sociais. (Bee, 2003)

Deste modo, o mais adequado, é que os pais percebam os sinais da criança e reajam de maneira sensível as suas necessidades. Segundo os estudiosos do assunto, os pais que agem dessa forma têm filhos com melhor desenvolvimento cognitivo, mais obedientes e socialmente mais competentes.

Não resta dúvidas de que a influência dos pais na vida do filho é fundamental para que este se desenvolva. Muitas vezes são vistos por eles como referencial e modelo de identificação. Por isso, o comportamento dos pais face as múltiplas situações que caracterizam o processo educativo, têm mais impacto na formação da personalidade dos seus filhos, do que as palavras ou boas intenções que possam demonstrar.

As aspirações da família também influenciam nos ensinamentos, pois os pais tem suas próprias personalidades, hábitos e aspirações que gostariam de ver reproduzidos nos próprios filhos.

Obviamente, a cultura em que a família está inserida influenciará nas crianças. As famílias se diferem e isto é significativo para os filhos.

Observa-se certos atributos herdados de pai para filho como vestimentas, maneiras de falar, andar, agir, que foram assimiladas pelos filhos de forma consciente e inconsciente.

Pode-se então dizer, que o papel fundamental da família é o cuidar, e esta estrutura familiar está atualmente proporcionando ao indivíduo a aquisição deste cuidado de forma autônoma e que este aprenda por si só, a buscar meios para conquistar seu espaço.

Assim a família servirá de estrutura física e emocional para que muitos valores sejam repassados. Portanto, a criança necessita de um lar para que possa assimilar os ensinamentos, sejam eles bons ou ruins.

2. RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS

Cabe aos pais, o papel de educar os filhos. A educação é a condução básica para o convívio social. Educar implica hoje de autoridade para estabelecer limites; dar ordens e proibir o indispensável que possibilite a criança controlar sua impulsividade: toda criança nasce egoísta; ela passa a respeitar o outro através da educação, disciplina, mas principalmente, pelo exemplo dos pais.

Ao longo do desenvolvimento da criança, o relacionamento dela com os pais, é algo bastante complexo que sofre constantes mudanças. Muitas dificuldades que os pais tiveram quando pequenos e dificuldades relativas a vida atual – no casamento, na profissão ou no ambiente onde vivem – transparecem na relação com os filhos, podendo gerar problemas; a atitude que se tem frente a criança, a imagem que se constrói sobre o que é ser bom pai ou boa mãe, a filosofia, crenças e valores pessoais em relação a educação de crianças, tudo isso também exerce uma influência marcante na estruturação do relacionamento; porém a maneira como nos comunicamos com as crianças, as mensagens que enviamos a cada momento em que interagimos com ela constituem um alicerce poderoso no relacionamento. (Maldonado, 1981; Bee, 2003)

Pais saudáveis, são aqueles que buscam ou possuem um local de reflexão e aprendizagem, nunca encarando a educação de seus filhos como algo estanque, mais, sobretudo com dinamismo que requer trabalho, coragem e amor para se lidar com tão complicada tarefa.

Muitos pais falam do desejo de que seus filhos não passem pelas mesmas privações que sofreram outrora. O que muitas vezes os mesmos não percebem, é que tal pensamento é reducionista, pois a superação de qualquer etapa dolorosa,

requer que o próprio pai tenha trabalhado e parcialmente superado seus conflitos emocionais, se evitando a projeção dos mesmos em algo meramente econômico com a intenção de fuga.

É fundamental que todos estejam, pelo menos parcialmente aptos para enxergar determinadas verdades por mais dolorosas que sejam, como por exemplo: o desejo de muitos pais de terem não filhos em si, mas clones melhorados de se próprios, cobrando muitas vezes coisas que jamais conseguiriam ou deveriam cobrar.

Infelizmente a maioria dos pais se preocupa com extrema demasia apenas no futuro material e profissional de seus filhos, sendo que durante décadas a um grande esforço econômico para se atingir tal finalidade. Embora isso seja necessário, pouquíssimos pais se preocupam com outros tipos de herança, como por exemplo: o aspecto pessoal e afetivo de seus filhos. Embora isso seja um fato óbvio, um impacto social desse tipo de educação é desastroso para coletividade.

Um dos maiores erros observados na relação pais e filhos, se dá no tocante aos aspectos materiais. Aquele pai ou mãe que não possui muito tempo para o seu filho, acaba compensando através de presentes ou recompensas materiais. Assistimos isso diariamente. Porém, o fato é muito mais profundo, pois nunca se trata de uma questão quantitativa, mas sim qualitativa. Uma criança não dimensionará sua relação com os pais apenas em termos de tempo, mas também o modo como se desenrola essa relação e os sentimentos de ternura e segurança oriundos da mesma.

Assim sendo, a compensação material por parte dos pais, nada mais é do que embuste, para que os mesmos escondam suas próprias dificuldades de passar afeto, sua falta suprema de treino amoroso ou até mesmo, compensar frustrações vividas por eles próprios.

Qualquer processo educativo que valorize principalmente o poder, status e sucesso, criará filhos que carregarão imensa soma de ansiedade e insegurança, sendo que priorizarão apenas o aspecto material, tratando os pais como instituições financeiras que lhes comprarão objetos da admiração e inveja de seus

colegas, tentando compensar sua frustração secreta de não poderem ser autênticas no círculo familiar.

Muitos pais acham que ser bom é fazer tudo pela criança, estar permanentemente a disposição para atender a tudo que ela pede ou que achamos que precisa. Mas isso acaba prejudicando o filho em alguns aspectos, além disso, o desenvolvimento da autonomia fica abafado, podendo gerar dificuldades de ir se desprendendo pouco a pouco dos pais.

A superproteção encobre a descrença na capacidade do filho de fazer “coisas” sozinho. Também pode acontecer que a superproteção se deva a fragilização ligada a doenças ou deficiências da criança, já superadas ou ainda presentes.

Tudo isso mostra como a nossa problemática pessoal pode dificultar o processo de perceber o filho em sua individualidade, sem que seja nossa cópia, válvula de escape ou promessa de realizar algo que não conseguimos.

É na família que a criança deve descobrir a disciplina, a correção e que muitas vezes sua vontade não pode ser realizada. Quando necessário, os pais devem usar a punição para corrigir os filhos como espécie de punição para atitudes errôneas dos mesmos. As punições que produzem mudanças mais duradouras no comportamento da criança, sem efeitos colaterais indesejados ou negativos, são aquelas aplicadas no início de alguma seqüência de mau comportamento. Um exemplo desse tipo de punição é tirar um brinquedo desejado ou retirar consistentemente pequenos privilégios quando a criança se comporta mal. Mas essa atitude, irá “funcionar”, sobretudo se o genitor também for carinhoso, claro a respeito das regras e consistente.

Quando os pais são exigentes com os filhos e consistentes, contribuem para que os mesmos possuam auto-estima mais elevada, sejam mais generosos e altruístas em relação aos outros e apresentem níveis mais baixos de agressão.

Para que essa dinâmica aconteça de forma positiva, é indispensável uma comunicação autêntica e um diálogo aberto, através do qual pais e filhos,

constroem relacionamentos fortes uns com os outros e um clima onde é possível a partilha e a exteriorização da subjetividade individual.

2.1. Papel Materno

Quando a criança nasce, seu organismo físico se separa da mãe e ela entra em contato direto com o mundo ao redor, através da respiração. Mesmo assim ainda permanecem laços invisíveis, porém inegáveis, entre a mãe e a criança que perduram e se transformam durante o período da infância.

A mãe é a pessoa que mantém uma relação muito importante com a criança, alicerce para todas as outras relações que ela desenvolverá durante a sua vida. Soifer (1982, p.108), citando Fairbairn, diz que este considera a relação da criança com sua mãe como “o alicerce sobre o qual estão baseados todos os seus futuros relacionamentos com objetos amorosos”.

Nos primeiros meses de vida a criança atinge um estágio “simbiótico” de unidade dual “mãe-filho”, os dois se unem como se fossem um só, esse estágio atinge o clímax durante o quarto ou quinto mês, e vai durar aproximadamente todo primeiro ano da criança.

No desenvolvimento inicial, a presença da mãe ao lado do bebê é fundamental e a relação amorosa que se constrói entre mãe e filho é importante para seu futuro. A criança começa a descobrir o mundo e as pessoas ao seu redor. Nesse período ela precisa de um ambiente familiar e de confiança, um espaço saudável e seguro.

Numa sociedade onde as mães fornecem quase exclusivo cuidado, e, certamente, o mais significativo relacionamento com a criança, esta desenvolve seu senso do eu principalmente em relação com ela.

Ainda sobre o senso do “eu”, Soifer (1982, p. 107), diz que “o crescimento da estrutura psíquica e sentido do eu da criança vem a consistir, pois, de

experiências divididas, quase independentes, inconscientes, do eu em uma afetiva relação (apegada - libidinal, agressiva, irada, ambivalente, desamparada - dependente) com um mundo objetal interno, constituído originariamente de aspectos da sua relação com a mãe. A existência mental e física da criança depende de sua mãe, e a criança vem a sentir que é assim. Ela vivencia um sentimento de identidade com ela e só revela um eu por convencer-se que é de fato um ser separado dela”.

Nessa fase inicial, o amor do bebê pela mãe é egoísta, ele é extremamente apegado a ela e não a quer dividir com mais ninguém. É através do seu relacionamento com ela, que ele se define como pessoa. Sua situação para consigo mesmo e com o mundo, suas emoções, seus sentimentos de amor e ódio, enfim tudo decorre desse primeiro relacionamento.

Alguns psicólogos defendiam a teoria de que o amor do bebê pela mãe decorresse apenas da associação que a criança estabelece entre o rosto, o corpo e certos traços físicos da mãe e a satisfação de suas necessidades biológicas, como a fome e a sede. Essa posição ressalta a importância da amamentação ao seio como base do relacionamento amoroso. A experiência da alimentação satisfatória e do amparo permite à criança desenvolver um senso do eu amado em relação a uma mãe terna e cuidadosa.

Uma boa mãe, se adapta às necessidades do filho – no banho, na alimentação, nos carinhos, nas brincadeiras -, vemos que ela se antecipa, sentindo as mudanças no comportamento da criança, controlando seu próprio humor e reservando o melhor para o bebê. Na verdade, mais do que as necessidades físicas, ela satisfaz também às exigências emocionais do filho.

Conforme o filho vai crescendo, a importância da mãe vai aumentando, pois é ela geralmente que o ensina a falar, andar, comer com talheres, usar o banheiro etc. Na época escolar, ajuda nas tarefas escolares, freqüenta as reuniões da escola e acompanha o seu desenvolvimento. Enfim, vai ensinando aos poucos tudo o que precisa saber para se tornar um ser humano melhor. O que acontece

muitas vezes é que por conta de seus afazeres, muitas mães não podem dedicar tanto tempo aos filhos.

Nos últimos anos, as mulheres tem assumido novos papéis na sociedade. Mas, apesar de todas as conquistas visíveis e dos avanços de mentalidade, boa parte ainda se ressentem de não cuidar em tempo integral dos filhos. Muitas delas, vivem o dilema de escolher entre uma carreira e uma família. Quando optam pelo trabalho sentem-se culpadas. Na realidade, o que importa a criança, não é a quantidade de tempo que passa ao lado da mãe, e sim a qualidade desse tempo, como tem sido investido.

Muitas mães vivem algum sentimento de culpa, porque, embora tenham capacidade de se desdobrar, não conseguem evitar os conflitos com os filhos, muito menos dar conta de tudo ao mesmo tempo.

É preciso que se entenda que o amor de mãe é apenas um sentimento humano e, como todo sentimento incerto, frágil e imperfeito. Quando a mãe descobre que seu sentimento não pode ser perfeito, desenvolve uma relação mais transparente com o filho, sujeita a altos e baixos, como todo vínculo humano honesto e verdadeiro. Deixam de viver a maternidade como obrigação, sabendo que não há comportamento materno suficientemente unificado que permita falar de instinto ou atitude universal.

2.1.1 Diferenciação entre os filhos

Em algumas famílias, as crianças são tratadas de forma diferente pelos pais. Eles criam um padrão de interação único para cada filho e não se dão conta, de quanto os filhos menos favorecidos sofrem com a diferença de tratamento.

Cada criança traz para a interação familiar, seu próprio temperamento ou outras qualidades; os pais trazem suas próprias personalidades e hábitos; o

relacionamento entre os irmãos pode ter um efeito poderoso, assim como acontece claramente com a estrutura familiar entre si.

A preferência ou favoritismo, em um dos filhos em relação aos demais, pode provocar sentimentos de egoísmo e amor voltado para si mesmo, e da rejeição, impedindo o desenvolvimento da auto-estima e da auto-confiança. Além disso, faz com que a criança se torne extremamente sensível.

As razões que levam os genitores a agirem dessa forma são muitas, entre elas: diferenças temperamentais (crianças com temperamento difícil parecem eliciar mais punições e também podem afetar o humor dos pais), de gênero, variações nas habilidades, talentos e até mesmo a posição da criança na família (os pais geralmente tem expectativas mais altas de maturidade em relação aos primogênitos, e podem ser mais responsivos, mais centrados na criança nesse caso), tudo isso cria um padrão exclusivo de interação para cada criança.

Em alguns casos, a origem desses sentimentos pode se encontrar nas fantasias dos pais que escolhem um descendente para concretizar seus sonhos. Eles podem expressar carinho e orgulho em relação a uma criança e desprezo em relação à outra, podem ser tolerantes com uma e rígidos com outra. O pior nisso tudo, é que, quanto mais diferença existe no tratamento dos filhos, maior a probabilidade de rivalidade e hostilidade entre irmãos e irmãs.

Segundo Bee (2003, p. 384), fica cada vez mais claro que essas diferenças de tratamento são um ingrediente importante no modelo interno de *self* que a criança está formando e contribuem muito para as variações de comportamento entre as crianças de uma mesma família.

Esta dinâmica dos pais se desenvolve numa relação ambivalente (inconstante) e contraditória, já que a preferência por um filho leva a rejeição de outro ou outros. São pais que almejam que seus próprios ideais de vida se realizem através de seus descendentes, isto está ligado a qualidade e quantidade de sentimentos envolvidos como: a auto-estima (narcisismo), a inveja, a voracidade (gula) e a culpa dos pais em relação aos filhos.

A criança que foi desconsiderada e desvalorizada, carrega esse peso por toda vida, em suas atitudes e comportamentos de insegurança, timidez, desânimo e apatia. O mais preocupante é que esses comportamentos vão se repetindo nas futuras gerações.

Os filhos devem ser amados de igual forma. Os pais devem amá-los mesmo que as personalidades, sexo ou outras qualidades criem elos de identificação diferenciada.

Os pais devem amadurecer a idéia de não acumular benefícios e elogios em relação a um filho em detrimento do outro com sentimentos e atitudes diferenciadas. Os filhos devem se sentir amados, protegidos, respeitados, seguros e tranqüilos em relação ao amor que se tem para com eles.

É necessário que pais e filhos se conscientizem da constituição de seu modo de pensar, seus sentimentos, seus sonhos, expectativas, esperanças, conversando entre si, respeitando os desejos de cada elemento, pois a forma que vivemos na nossa família, determinará a nossa participação na comunidade.

2.2. Papel paterno

A figura do pai só recentemente foi estruturada intensamente, de modo que sabemos menos sobre seu papel no desenvolvimento da criança do que seria de desejar. Pesquisas atuais mostram que os bebês se ligam afetivamente ao pai, ele pode ter um papel especial com os filhos, pode preocupar-se particularmente com o desenvolvimento deles e envolver-se muito com esse desenvolvimento. Eles mostram angústia se são deixados por ele e podem ser confortados por ele; eles o usam como uma “base de segurança” para fazer explorações e sorriem para ele mais do que para estranhos. Tudo isso são sinais de ligação afetiva.

O pai é sobretudo importante no desenvolvimento de um senso do *eu* nas identificações da criança. Ele é sob certos aspectos mais facilmente diferenciado do *eu*, porque a primeira associação da criança com ele envolve rivalidade e uma percepção do *eu* em oposição.

Numa família nuclear, o pai desempenha um papel fundamental na diferenciação. Pelo fato de estar tão envolvido com a mãe da criança, seu papel nas identificações defensivas posteriores da criança – identificação com seu poder ou intimidade com a mãe da criança, por exemplo – é também crucial. O ego se desenvolve em parte como um sistema de defesas contra essas experiências iniciais. A criança usa o pai não apenas em sua diferenciação do eu. O pai também a capacita para uma diferenciação de objetos mais firme. (Soifer, 1982).

A função paterna, por sua vez, atribuída a princípio ao pai representa a oportunidade que o bebê tem de conhecer novas relações, novos elementos do mundo. Se ao pai cabe garantir uma presença amorosa que dê sustentação para que a mãe cuide de seu filho, é ele também que, simbolicamente, vai tirando-o do colo materno e lhe apresentando possibilidades de crescimento, podendo aliviar assim, as ansiedades decorrentes disso. Ele mostra a criança que ela não é a única na vida da mãe, ou seja, permite o amadurecimento da criança às custas de se ver separado de sua mãe. Mesmo sendo doloroso, isso é extremamente

saudável para a criança, que a partir daí irá se preparar para outras frustrações, separações. Assim pode aprender a defender-se, caminhar por si. A função paterna tem como tarefa servir de ponte para a apresentação e a aceitação da realidade à criança. O pai, portanto, é a lei, o limite, a realidade.

Alguns estudos, revelam que existe uma certa diferença entre os papéis da mãe e do pai; as mães são mais responsáveis pelo cuidado diário da criança, ao passo que os pais brincam com ela. Os estudos feitos, revelam que os bebês mostram mais sorrisos e olhares e comportamento lúdico com o pai do que com a mãe. As crianças respondem mais positivamente às brincadeiras do pai do que às da mãe. Geralmente, os pais preferem envolver-se em brincadeiras físicas. As crianças preferem as brincadeiras fisicamente mais afetivas, por isso na maioria das vezes preferem brincar com os pais. (Bee e Mitchell, 1984)

O pai é o primeiro líder da criança enquanto desempenha sua função de herói dentro da família. Para o filho, ele é o melhor, mais forte, mais inteligente e mais poderoso homem do mundo. Geralmente, os filhos homens, acreditam que ninguém pode superar o pai em nada. Numa primeira etapa da vida tentarão imitá-lo, primeiro porque o reconhecem como seu ídolo, e também porque, copiando o pai, esperam alguma aprovação. Por isso a atitude dos pais é muito importante. Na fase da socialização da criança é vital que a imagem do pai corresponda, na medida do possível, aquilo que o filho espera dele. Evidentemente qualquer criança nota quando alguma coisa está sendo forçada. Se o pai tenta representar, ela percebe a situação falsa e isso acaba adquirindo a gravidade de um desastre emocional.

Quando a personalidade ou comportamento do pai forem anti-heróicos, a criança pode entrar em conflito íntimo, na tentativa de satisfazer sua necessidade de idolatrá-lo e de se identificar com ele. O sofrimento do filho que prematuramente deixa de ver o pai como um herói é muito grande. Sua confiança nos outros e sua segurança emocional podem ficar seriamente abalados com a decepção.

Daí a importância do pai no desenvolvimento da criança. Segundo os estudiosos, a ausência do pai, faz com que o filho encontre dificuldades no desenvolvimento social, emocional e cognitivo, além disso, são mais inclinados a ter resultados inferiores em testes de desempenho intelectual.

Não resta dúvidas de que a presença do pai no lar, servindo como um modelo competente e efetivo, que expressa interesse pelo filho, interagindo com ele, facilita o desenvolvimento do potencial intelectual e imprime ao desenvolvimento uma orientação masculina.

Tem-se observado nos últimos tempos, que na medida que a cultura foi se transformando a função do pai foi se modificando. Antigamente, o pai encarnava a autoridade e a ele cabia a trabalhar e ganhar dinheiro pra sustentar a família. E a mãe cuidava do lar e dos filhos. A mãe se referia ao pai com um misto de admiração e de submissão. O pai era a autoridade, e isto não se discutia. Este quadro mudou completamente nos últimos vinte anos. A mulher se emancipou, ingressou no mercado de trabalho. E pai e mãe precisaram redefinir suas funções. Aliás, a própria família também mudou muito.

Hoje em dia com tantas mudanças na organização familiar, fica difícil definir o lugar do pai. Mas algumas coisas não mudaram tanto: criar filhos continua sendo uma tarefa tão difícil, trabalhosa e complexa como antes. E por isso essa tarefa precisa ser compartilhada. O pai continua sendo, na maioria das vezes, essencial tanto pra gerar quanto pra acolher uma criança. Ele continua sendo aquele com quem as mães contam pra compartilhar a função de criar os filhos.

Quando o casal tem um bom relacionamento e dedica atenção aos filhos, a segurança emocional decorrente funciona como uma espécie de reforço da capacidade infantil de admirar e imitar os pais.

3. DINÂMICA FAMILIAR E PROBLEMAS

As crianças podem experimentar no decorrer do seu crescimento, uma grande variedade de estruturas familiares e mudanças ocorridas nas mesmas. A organização tradicional de família “pai-mãe-filhos”, cada qual com uma função definida, não é mais a única forma de constituição de família. Observamos hoje que a vida em sociedade está marcada pela multiplicidade de modelos familiares. Esses acontecimentos, provocam impacto na vida da criança, pois qualquer alteração na estrutura familiar que não tem os dois pais biológicos podem ter efeitos negativos, por algumas razões.

Uma dessas razões, é a mulher ser mãe solteira ou ter-se divorciado. isto reduz os recursos financeiros e emocionais para sustentar a criança. Com apenas um genitor, o lar, na maior parte das vezes, passa a ter uma renda e apenas um adulto para responder às necessidades emocionais da criança. Em segundo, qualquer transição familiar envolve turbulência, um exemplo disso, é o nascimento de um irmão em uma família intacta, vale também pra um divórcio ou novo casamento. Tanto os adultos, como as crianças, adaptam-se com lentidão e com dificuldade à chegada ou ausência de pessoas no sistema familiar.

Outra mudança que vem ocorrendo nas famílias, é em relação a troca de papéis dos genitores. Há famílias em que detectamos a figura materna como o cabeça do lar, definindo e organizando os segmentos da casa; em oposição à figura paterna na maioria dos casos: o homem envolvido com tarefas domésticas (fazer compras no supermercado, levar os filhos para passear, dar banho, trocar fraldas, dar comida); a mulher envolvida em atividades fora do lar, tais como estudar ou trabalhar a fim de contribuir para a renda familiar ou para realizar-se profissionalmente. Com isso, modifica-se o papel do pai e da mãe diante da

criança. O complicado nisso tudo, é que pode surgir conflitos entre o casal no que diz respeito ao desequilíbrio de *status*. A mulher por ter se esforçado e estudado mais, conseguiu um excelente emprego e seu salário melhorou consideravelmente. O homem em casa com as crianças desempregado ou até mesmo em um emprego inferior. Se o casal não souber lidar com a situação poderá surgir conflitos. Já a mulher sem perceber pode se tornar soberba e se achar superior ao marido. Por essas razões, os pais devem tomar alguns cuidados para reduzir as turbulências dentro de casa, mas muitas vezes é inevitável.

Em relação ao que foi apresentado acima, não se pode deixar de mencionar Maldonado (1981, p. 144), “na medida em que os impasses e conflitos são resolvidos em conjunto, a busca de solução é, essencialmente, um processo criativo: não existem fórmulas ou receitas que digam qual a melhor maneira de resolver determinadas situações”.

Por fim, e talvez mais importante: o núcleo familiar bem constituído, é fundamental para formar cidadãos íntegros. Os lares desestruturados ou desfeitos, a paternidade irresponsável, a violência intrafamiliar, maus tratos e espancamento de menores, contribuem para fabricar delinqüentes e criminosos. Esses lares desestruturados, onde os vínculos familiares estão fragilizados e que possuem diversas dificuldades de relacionamentos e problemas tanto psicológico quanto sociais e de recursos financeiros, prejudicam a vida da criança em vários aspectos, além disso contribui para que essas crianças futuramente, acabem formando outros lares tão desestruturados quanto e assim a sociedade vai de mal a pior.

O ponto essencial que temos de compreender é que a educação competente está ligada a baixos níveis de comportamentos perturbados e a níveis mais elevados de ajustamento psicológico da criança, independente da estrutura familiar em que ela cresce. Cuidados parentais autoritários ou negligentes estão ligados a maus resultados, quer este seja o padrão familiar normal, quer tenha sido desencadeado por um divórcio, por um novo casamento estressante, pelo desemprego do pai ou por qualquer outro estresse. Enfim, é esse processo da

família que é significativo para a criança. A probabilidade de um processo familiar não ser muito bom é maior nas famílias monoparentais femininas, mas isso não significa que a probabilidade seja total. Muitas mães sozinhas são capazes de encontrar dentro de si a força para manter um relacionamento apoiador e carinhoso com os filhos.

Portanto, é perfeitamente possível que mães solteiras ou divorciadas superem os problemas extras. No entanto, ainda precisa-se enfrentar o fato de que esses sistemas familiares são menos estáveis e, na medida, apóiam menos a criança.

Outro aspecto que afeta o sistema familiar, é o trabalho da mãe, pois pode modificar sua auto-estima, aumentando o seu poder e alterando a distribuição das tarefas. Em alguns casos a mãe sai de casa para trabalhar, passa o dia inteiro fora e quando chega em casa a criança está dormindo. É difícil entender como essa mãe ausente, que mal vê o filho, pode construir um vínculo com seu filho, dando atenção e o cuidado que ele necessita.

A perda do emprego do pai, também provoca mudanças e perturba todos os componentes da família, diminui o estilo familiar competente e a satisfação dos conjugues. Os filhos muitas vezes apresentam perturbações no comportamento.

Geralmente, quando é o homem que perde o emprego, ele tem dificuldade de depender do salário da esposa, pois a sociedade machista impõe que o homem é que deve sustentar a família. A difícil situação, pode criar um “mal estar” na casa e até deixar o pai depressivo. Quando um dos pais está significativamente deprimido, isso tem um efeito profundo sobre todo o sistema familiar. Os pais deprimidos também percebem os filhos como mais difíceis e problemáticos, e os criticam mais. Portanto, a depressão de um dos progenitores, modifica não apenas seu comportamento, como também sua percepção do comportamento da criança, e ambos alteram o sistema familiar. Os filhos respondem a essa deterioração no comportamento dos pais de maneira semelhante ao que acontece no divórcio: apresentam uma variedade de sintomas, incluindo depressão, agressão ou delinqüência. Seu desempenho escolar muitas vezes piora. (Bee, 1996)

Qualquer mudança na estrutura familiar, tende a produzir uma perturbação a curto prazo, antes que o sistema se adapte a uma nova forma. É preciso que os responsáveis pela criança, saibam lidar com certas situações, ajudando a mesma a compreender as mudanças.

3.1. Como a separação prejudica os filhos

Qualquer mudança na estrutura familiar é acompanhada por deslocamento e estresse. Com a separação dos pais, não podia ser diferente, pois a partida de um dos pais destrói o núcleo de algo de extrema importância para a criança, que a estabilidade familiar. Em virtude da separação, acontece diversas mudanças que irão desde modificações materiais até sociais. Os pais, geralmente, quando se separam mudam de casa, alteram o ritmo familiar, há novo círculo de relações. Mas qual será o impacto desta nova situação (pais separados) para as crianças? Pois na separação entre pais, vários membros da família geral (pais, avós, tios, tias...) São atingidos, mas, os mais atingidos sem dúvida, são os filhos.

São geralmente os filhos que “assistem” as falas agressivas e discussões dos pais. Esses episódios assistidos poderão causar reflexos na vida da criança. A maneira como o pai e mãe enfrentam a separação e suas conseqüências podem influir na vida futura dos filhos. A mente da criança, assimila o exemplo da observação direta, a experiência sensível, a realidade, só servirão para conflitar o espírito infantil, causando perplexidade, confusão e insegurança. Entretanto, quando o sentimento de infância é equilibrado, com estabilidade, se terá um adulto equilibrado, estável. O conflito entre os conjugues, em si, não parece ser inevitavelmente prejudicado; o que aumenta o grau de perturbação e estresse da criança é o conflito que ela vê e escuta. Esta perturbação pode ser notada em comportamentos das crianças como: queda no rendimento escolar, grande apatia, insônia, isolamento e até mesmo somatizações como dores de cabeça, estômago

e mau funcionamento intestinal... as crianças se tornam mais desafiadoras, negativas, agressivas, deprimidas ou zangadas. (Bee, 1996; Tiba, 2002)

Entretanto os distúrbios fisiológicos permanecem o mesmo para ambos os sexos dos filhos, mas no fator psicológico, por muitas vezes faz diferença com os meninos, em que a presença do pai é figura primordial para uma educação mais masculinizada, já que as crianças, em tudo, “assimilam”, e uma educação em que a mãe seja o único exemplo social, as ações da mãe (jeito de falar, movimentos, desejos), serão assimilados e exteriorizados pelos filhos, levando, então, os meninos a demonstrarem habilidades mais “femininas” e menos agressivas. Esta percussão nas habilidades dos meninos é notada em maior clareza, em filhos cujo os pais lhe faltaram durante o período pré-escolar.

A falta de uma das figuras dos pais, dificulta na formação do eu da criança, como dificuldade na identificação dos papéis sociais, que servirão para desenvolver suas objetividades, pois é através dos relacionamentos com os pais, que a criança entenderá os diferentes papéis do homem e da mulher. Os filhos necessitam do apoio e de ensinamentos de ambos os sexos para perceber qual é o seu “lugar” no mundo. Isto é tão preciso na vida da criança que, em alguns casos de pais separados, criam um pai ou uma mãe imaginária. Este pai ou mãe de “faz de conta” será, mais benevolente, afável e amistoso do que o original, o que explicaria a dificuldade de compreender os papéis de cada um, pois agora, será a criança que formará o papel daquele pai ou mãe “faltosa”, de forma que esta definição será restrita e sem diversidade de caráter de ações, o que resultará futuramente em uma não aceitação de, como por exemplo: A rigidez de como o namorado ou namorada tratam determinado problema.

Pode-se notar que apesar das conseqüências da separação entre pais, não é a separação legal e material, em si, o que mais profundamente abala a criança, mas sim o divórcio afetivo entre os pais, pois o clima afetivo reinante entre os progenitores, como já dissera, influenciará no emocional da criança; à medida que a aprendizagem sentimental se faz na infância e esta não se dá mediante discursos ou sermões, mas através de exemplos e vivências. Assim, os laços

amorosos que os pais mantêm entre si e com os filhos, determinam a futura capacidade destes, para com o amor, a amizade e a comunicação, já que a criança assimila e registra as ações dos pais.

No momento antes da separação e depois desta, geralmente o clima entre os pais é estressante, conflituoso, então as divergências, falta de respeito, serão notórios a todos, e conseqüentemente os maiores atingidos, serão os filhos. Todo este clima estará conflitante na cabeça das crianças. Elas pequenas como vem ao mundo de forma egocêntrica, acreditaram que a causa da separação entre os pais se deu por algo de errado que ela tenha cometido ou um desejo que tenha tido de um dos pais irem embora e realmente aconteceu. Todos estes pensamentos serão refletidos no psicológico da criança, que acreditará que ela é a culpada de todas as ações conflituosas no seu lar, que será exteriorizada por depressão, agressividade e raivas “incontroláveis”.

Há também um outro “mundo” das crianças que pode ser afetado com a separação dos pais: a personalidade infantil em virtude do entendimento delas, em relação à separação, como uma atitude de rejeição por parte dos pais a ela, o que a tornaria desadaptada de seu meio. E se vendo como empecilho à felicidade dos outros.

A separação entre pais afeta os filhos, isto é ponto pacífico. A repercussão do divórcio sobre os filhos é algo de muita divergência entre autores, quanto ao seu prazo. Todos acreditam que a curto prazo, as crianças ficam perturbadas, o problema está nos anos seguintes. Este fator não deve ser tratado de modo geral, mais singular. O ser humano contém singularidades que o difere uns dos outros, e são estas que podem ser afetadas com a separação. O que nos leva a crer que esta repercussão possa ser diminuída com a explicação aos filhos do que está acontecendo no seu lar e priorização dos sentimentos da criança. A perturbação das crianças mediante este momento geralmente é reflexo da perturbação dos pais. O filho ama o pai e a mãe; precisa de carinho e da presença dos dois e não apenas de um ou de outro, assim a ausência de um dos pais, pode lhe trazer mágoa, saudade, culpa (como já mencionara) em virtude dos seus impulsos hostis

ou competitivos. O que seria diferente quando uma criança convive numa atmosfera basicamente afetiva e marcada pelo respeito mútuo em que as ocasionais divergências fortalecem a personalidade infantil e ajudam a desenvolver a independência de critérios e uma dose sadia de auto-afirmação. As lições de amor, generosidade e responsabilidade transformam num indivíduo amável, generoso e responsável, o pequeno ser que, ao vir ao mundo, só trazia uma bagagem de instintos, exigências e necessidades puramente egoístas.

Nas gerações passadas, os filhos separados eram considerados problemáticos e até segregados de forma preconceituosa. E hoje, como os valores, à medida que o tempo passa são outros, este filho não é mais visto de forma preconceituosa. Mas existe algo que prevalece até os dias de hoje: o impacto prejudicial nestes filhos. (Tiba, 2002)

3.2. Filho Único

O número de filhos únicos cresceu de acordo com as décadas passadas, em que, uma família com muitos filhos era a “moda do momento”. É certo que este número tão alto de filhos não se devia, a somente o desejo dos pais em tê-los em grande quantidade, mas a falta de informações que essas famílias tinham em relação aos métodos anticoncepcionais e em muitos casos se os sabiam, achavam ser pecado utilizá-los em virtude dos sermões da igreja, que declaravam ser um ato de assassinato para com as crianças. O fato econômico também influenciou a esta prole tão numerosa. A maioria das famílias de antigamente tinham um padrão de vida mais estável e favorável o que levaria, então, a esta ter maior condições de sustentar uma maior quantidade de filhos.

Este quadro mudou. Como já dantes mencionara, o número de filhos únicos nas últimas décadas cresceu, por motivos econômicos. O custo financeiro de uma criança é muito elevado, causando então, na família de hoje, que é puramente capitalista e instável, um certo medo de uma prole maior. Assim um casal acredita que ter uma única criança é mais confortável, pois podem oferecer melhores condições materiais do que para vários filhos.

Por causa deste novo quadro familiar (que ainda não é geral), os pais estão se tornando muito mais recreativos que educativos. O casal tendo um único filho, este receberá sozinho tudo de bom e de ruim (educativo) que a família possa oferecer. E se este for ainda neto único de quatro avós vivos, este quadro de “bom e ruim” aumentará. O que não acontecia nos moldes antigos, pois esta “atenção para com os filhos era disseminada pelos filhos dos tios, tias e agregados da mesma casa. Assim a família nuclear dos moldes antigos, não projetava atenção a somente uma criança e sim a todas as crianças da casa de uma forma geral. Tudo que há de melhor é destinado a ela, desde brinquedos caríssimos até cursos em escolas particulares mais conceituadas, portanto mais caras.

Assim, geralmente, o filho único é uma criança “supermimada”, “superprotegida”, torna-se o centro das atenções, querem tudo para si, acham que os outros estão ali para servi-lo... não tem ritmo para nada, ser incapaz de superar dificuldades sozinho, chorar, gritar, agredir, emburrar quando contrariado, agir por impulso, querer sempre ter razão etc. O que pode-se chamar de males exteriorizados do filho único. (Tiba, 2002)

E esta exteriorização se dá em muitas vezes, pela falta de acompanhamento diário da criança, com conversas, brincadeiras e “imposições” de limites. Em virtude dos pais passarem boa parte do dia fora de casa, quando chegam, a criança já está dormindo e esta tem passado o dia na escola ou com uma secretária do lar, que dificilmente se preocupará com a socialização e com os limites da criança. Os pais então, repõem o tempo que não passaram juntos com brinquedos, dinheiro... bens materiais.

Os pais acabam por confundir: atendimento do filho dentro de suas possibilidades com o que o mesmo necessita. É certo que a criança precisa de algum tempo só dela, para crescer, mas também precisa do tempo de dependência, atenção e repreensão dos pais.

A partir desta visão de que o filho único necessita de cuidados extremos, ao ponto de não contrariar a criança, não dizem NÃO e entre outros, isso iniciará conflitos no filho que a princípio serão envolvidos com “dinheiro”, mas na pré-adolescência, este indivíduo necessitará de atenção “extra”, ou seja da presença dos pais, de suas intervenções, limites, conselhos e ensinamentos, então a falta que este teve e tem dos pais não será suprida com presentes e brinquedos. E por já ser, desde pequeno, *supermimado*, *superprotegido* não saberá como resolver sozinho seus conflitos e caso este se dê em grupos se tornará ainda mais complexa a resolução, pois este ser dotado de insegurança, “achador” da razão não conseguirá resolver o problema e por vezes poderá até reagir da mesma maneira de quando criança era contrariado; gritando, agredindo, emburrando-se.

Obviamente, isto não acontece com todas as crianças “filho único”, pois cada um tem sua individualidade, mas em síntese com a maioria os fatores

externos (pais, avós, tios) acabam por interferir no interior dos indivíduos, pode-se dizer solitários.

Como Toni Falpo (1992; Falpo e Poston, 1993) que fez estudos a respeito de filhos únicos e não-únicos, na China e chegou a concluir que existem poucas diferenças entre estes no que diz respeito ao desempenho escolar e a personalidade. A China tem adotado esta forma de planejamento familiar desde 1979 por motivos econômicos e políticos, o que aliviou a recriar uma nova cultura e esta voltada para filhos únicos o que é muito diferente dos demais países do mundo em que a prole média é composta por dois ou três filhos. O que nos levam a crer que as dificuldades obtidas por filhos únicos se dá em boa parte pela questão cultural. Os chineses se prepararam para esta prole e então modificaram a sua forma educacional dos filhos ao ponto de não dominá-los se tornarem uma geração de “pequenos imperadores”... “embora ainda seja cedo para saber que efeitos essa política terá sobre a sociedade como um todo nas próximas décadas, quando esses filhos únicos forem adultos” (Bee, 1996).

CONCLUSÕES

Ao concluir esta revisão constata-se que, contemporaneamente, a importância da família é aceita como unanimidade entre os profissionais em educação, pois promove o desenvolvimento e estabilidade dos seus membros, assim como das sociedades onde ela se insere.

Esta afirmação pode parecer contraditória face ao número crescente de divórcios e à aparente fragmentação das estruturas familiares nos nossos dias. No entanto, o crescimento do número de divórcios, não parece ofuscar essa importância, muito pelo contrário, na maioria dos casos, vem corroborar esta indiscutível verdade: a família é o suporte do desenvolvimento individual e grupal dos seus membros e um dos principais sustentáculos para o progresso das sociedades. Esta constatação acontece pela instalação de problemas de desenvolvimento em filhos de famílias quebradas.

Concebe-se a família como um sistema aberto, que se insere num sistema mais amplo – a sociedade, cuja dinâmica, procura satisfazer as necessidades dos seus membros, sejam elas, físicas, psicológicas, sociais e/ou espirituais. A riqueza das interações e experiências que a caracterizam (quer a nível individual quer a nível social), mais do que a satisfação das necessidades básicas (de alimentação, segurança, conforto e educação), proporciona uma descoberta fundamental, a descoberta do encontro, do outro, do afeto e do amor. Deste modo e na diversidade de vivências, que vão da alegria à tristeza, do riso ao choro, das tensões e conflitos à reconciliação e ao perdão, solidifica-se e estrutura-se o respeito mútuo e o sentimento de ser aceito.

Não há dúvidas de que a experiência básica de aceitação, de afeto e de respeito, é determinante na construção da autoconfiança, da auto-imagem e da personalidade da criança. Mas não é demais lembrar, que essa experiência, para além de essencial ao desenvolvimento harmonioso da criança, é igualmente válida e útil para os progenitores e que o afeto não é apenas dirigido aos filhos por parte dos pais, é recíproco dos filhos para com os pais e entre os próprios pais.

A família deve ser vista como uma escola de vida. Assim sendo, ela deve educar e preparar a criança para viver de forma saudável, madura e autônoma na idade adulta. Deve também proporcionar experiências, que servem de suporte à descoberta do mundo e da realidade da vida, mas também à formação que molda o caráter e o desenvolvimento da personalidade.

BIBLIOGRAFIA

- BEE, HELEN. "A Criança em Desenvolvimento". Porto Alegre. Artmed. 1996.
- ARIÈS, PHILIPPE. "História social da criança e da família". Rio de Janeiro, Afiliada. 1978.
- MALDONADO, MARIA. "Comunicação entre pais e filhos". Rio de Janeiro. Vozes. 1981.
- TIBA, IÇAMI. "Quem ama educa!". São Paulo. Gente. 2002.
- BOWLBY, JOHN. "Apego e Perda". 2ª Ed. São Paulo. Martins Fontes. 1990.
- BOWLBY, JOHN. "Separação: Angústia e Raiva". 3ª Ed. São Paulo. Martins Fontes. 1998.
- BEE, H.; MITCHELL. S.;. "A Pessoa em Desenvolvimento". São Paulo. Harper e Row. 1984.
- MUSSEN, P.H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J. "Desenvolvimento e Personalidade da Criança". São Paulo. Harper e Row. 1977.
- SOIFER, RAQUEL. "Psicodinamismo da Família". Petrópolis. Vozes. 1982.
- SOIFER, RAQUEL. "Psiquiatria Infantil Operativa". Porto Alegre. Artes Médicas . 1992.

